

A memória social do descobrimento do Brasil: seu estado em 1999

Celso Pereira de Sá¹, Denize Cristina de Oliveira,
Renato Cesar Möller e Denis Giovani Monteiro Naiff
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo busca caracterizar o estado da memória social do descobrimento do Brasil na população brasileira contemporânea um ano antes da comemoração do seu quinto centenário. A coleta de dados envolveu: a seleção, o registro e a análise das matérias sobre o descobrimento e a comemoração veiculadas por quatro jornais diários; a aplicação de um questionário a 742 sujeitos adultos, com vistas à detecção das representações sociais do descobrimento; a análise do conteúdo dos capítulos sobre o descobrimento e a colonização em nove livros didáticos de história utilizados nos níveis fundamental e médio de ensino. A articulação das três ordens de resultados, interpretada sob a perspectiva teórica das representações sociais, levou às seguintes conclusões principais: (a) predominância da imagem da chegada dos navegadores portugueses, como dimensão central da memória; (b) ocorrência, em nível periférico, de denúncias e críticas à história oficial; e (c) coexistência de atitudes favoráveis e desfavoráveis em relação aos descobridores e colonizadores portugueses.

Palavras-chave: memória social, representações sociais, descobrimento do Brasil.

The discovery of Brazil and its social memory: status in 1999

Abstract

This paper seeks to characterize the state of the social memory about the discovery of Brazil in the contemporary Brazilian population one year before its fifth centennial celebration. Data collection involved: selection, recording and analysis of matters on the discovery and the colonization disseminated by four daily newspapers; application of a questionnaire to 742 adult subjects, aimed at the detection of their social representations; analysis of the contents of chapters on the Brazilian discovery and colonization in nine elementary and high school history text books. The set of the results, interpreted under the theoretical perspective of social representations, led to the following main conclusions: (a) the predominance of the image of Portuguese navigators' arrival, as a central dimension of the memory; (b) the occurrence, in a peripheral level, of denunciation and critics to the so-called official history; and (c) the coexistence of both favorable and unfavorable attitudes in relation to Portuguese discoverers and colonizers.

Key words: social memory, social representations, discovery of Brazil.

Introdução

O presente trabalho faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo, intitulado "O descobrimento do Brasil: memória social e representações de brasileiros

e portugueses", desenvolvido desde 1998, que busca caracterizar e comparar os estados da memória social acerca do descobrimento do Brasil em duas ocasiões distintas – antes e imediatamente após a comemoração do quinto centenário – e no âmbito de duas diferentes

1. Endereço para correspondência: Rua General Ribeiro da Costa, 178/1201 – CEP 22.010-050, Rio de Janeiro-RJ, e-mail: cpsa@uerj.br

populações contemporâneas – a brasileira e a portuguesa. Neste artigo são relatados apenas os procedimentos metodológicos e os resultados relativos à época anterior à integralização dos 500 anos, ou seja, 1998-1999, e às amostras brasileiras.

Os pressupostos teóricos e conceituais que orientam a investigação, expressos em quatro textos preliminares (Sá, Vala e Möller, 1996; Sá e Vala, 1997, 2000; Sá, 2000), levaram à conceitualização do fenômeno em estudo como atualização da memória coletiva de um acontecimento remoto em função de processos socioculturais desencadeados pela sua comemoração contemporânea. Nesse sentido, partindo de um exame das perspectivas pioneiras distintas de Halbwachs (1925/1994, 1950/1997) e de Bartlett (1932/1995), de sua discussão por autores contemporâneos como Jodelet (1992), Fentress e Wickham (1994) e Jedlowski (1997, 2000), e da incorporação das contribuições originais de Ferro (1990) e de Nora (1992, 1993), terminou-se por considerar a memória social de um acontecimento remoto como o conjunto articulado dos conteúdos da mídia, da educação básica e das comemorações que o tornam presente às populações contemporâneas, bem como das representações sociais que nelas circulam e pelas quais elas pensam o evento.

Os dados da pesquisa parcial ora relatada foram buscados nas seguintes fontes: (1) matérias sobre o descobrimento e a comemoração veiculadas pela imprensa escrita diária, de 1998 a 2000; (2) representações sociais do descobrimento e de diversas ordens de implicações mantidas por uma amostra da população brasileira em 1999; (3) conteúdos dos capítulos sobre o descobrimento e a colonização em livros didáticos de história utilizados nos níveis fundamental e médio de ensino. Nas três seções que se seguem são descritos os tipos de dados proporcionados por cada uma dessas três fontes e apresentada uma seleção dos resultados. Na última seção é tentada, sob a forma de conclusões provisórias, uma arti-

culação das diferentes ordens de resultados obtidos nessa fase da pesquisa.

O descobrimento do Brasil e sua comemoração na imprensa escrita diária

Procedimentos

Desde 1º de janeiro de 1998 está sendo realizada a seleção, catalogação e análise das matérias relacionadas ao descobrimento do Brasil e à comemoração do quinto centenário veiculadas em quatro jornais diários da cidade do Rio de Janeiro: O Globo e Jornal do Brasil, como principais representantes do que se convencionou chamar de grande imprensa; Folha de São Paulo, como veículo amplamente incorporado aos hábitos de leitura jornalística das classes média e média-alta do Rio de Janeiro; O Dia, como jornal de grande penetração popular na cidade. Os resultados relativos aos anos de 1998 e 1999, ora relatados, foram obtidos a partir dos dados sistematizados em uma ficha de registro e análise das matérias.

Resultados

O número de matérias veiculadas mês a mês pelo conjunto dos jornais examinados evidencia uma grande semelhança entre os anos de 1998 e 1999. Por exemplo, como era de se esperar, ao mês de abril, mês do descobrimento, corresponde uma explosão do tema nos meios de comunicação de massa. Estão aí incluídas, no que diz respeito à sua pertinência, tanto as matérias que fazem referência direta ao descobrimento e/ou à sua comemoração, que perfazem cerca de dois terços do total, quanto aquelas classificadas como simplesmente alusivas, que constituem a terça parte restante e tiram proveito da atualidade da comemoração para introduzir outros tipos de conteúdos, como os de natureza publicitária, por exemplo. Observa-se ainda que o número de matérias veiculadas em 1998 (566 matérias) é superior ao das veicula-

das em 1999 (405 matérias), o que, à primeira vista, contraria a expectativa natural de que houvesse um crescimento contínuo até o auge das comemorações no ano 2000. Não obstante, a redução numérica em 1999 parece ter sido acompanhada (os resultados que o confirmariam ainda não estão disponíveis) de um crescimento significativo do espaço físico (expresso em centímetros x colunas) ocupado pelas matérias, principalmente resenhas e reportagens, com um conseqüente aumento da quantidade de informação pertamente veiculada.

Nesse sentido, um segundo resultado descritivo selecionado para apresentação consiste na distribuição das matérias pelas diferentes formas discursivas utilizadas, pelo qual sobressai, além do aumento absoluto das resenhas e reportagens, a presença constante de notas, artigos e notícias. O acentuado crescimento observado no número de resenhas revela a súbita publicação de numerosos livros de análises e ensaios sobre o descobrimento e colonização do Brasil, correspondendo o pico registrado em janeiro e junho de 1999 ao fenômeno editorial representado pelas duas primeiras obras de uma série de autoria do jornalista Eduardo Bueno (1998a, 1998b), orientada para a socialização do saber produzido nas instâncias acadêmicas a respeito desse fato histórico. É interessante observar ainda que os informes publicitários, que correspondem maciçamente às matérias classificáveis como apenas alusivas, embora se encontrassem em um patamar elevado no início de 1998, apresentam um decréscimo contínuo ao longo dos dois anos, o que permite supor o desenrolar de um processo de tratamento cada vez menos ligeiro ou leviano das questões relacionadas à constituição da nação brasileira.

O primeiro dos resultados que podemos chamar de analíticos (em contraste com aqueles formais examinados até agora) focaliza o conteúdo substantivo predominante das matérias pertinentes. Obser-

va-se aí um nítido predomínio dos conteúdos de “comemoração do fato”, seguidos de perto por uma ocupação com o “fato histórico em si” da chegada ao Brasil dos navegadores portugueses e, em seguida, pela discussão de “temáticas contemporâneas relacionadas”. O interesse jornalístico natural pelas questões atuais aparece aqui bastante evidente, passando para um segundo plano o exame dos estados, fatos ou processos relacionados ao descobrimento, tanto antecedentes quanto conseqüentes, que constituem, por seu turno, objetos acadêmicos privilegiados da análise historiográfica, igualmente mantida fora de foco pela comunicação de massa.

Os dois resultados seguintes se referem, respectivamente, às principais esferas sociais privilegiadas e aos sujeitos históricos mais amplamente citados nas matérias veiculadas durante os dois anos. Quanto às primeiras, constata-se que história, cultura e educação constituíram os âmbitos preferenciais de desenvolvimento das matérias jornalísticas. Interessantemente, as esferas política e econômica aparecem bem menos exploradas, em associação com a esfera histórica, e são justamente aquelas privilegiadas no conteúdo dos livros didáticos de história, como se verá em uma próxima seção. Quanto aos segundos, não traz surpresa o predomínio concedido aos portugueses – navegadores e colonizadores – e aos índios como principais protagonistas da cena histórica em questão.

Os últimos resultados obtidos, embora decorram de análises distintas, se superpõem nitidamente. O que se constata é, pois, a íntima relação existente entre os tratamentos dados às matérias e suas orientações comunicacionais subjacentes. Com referência ao tratamento, aproximadamente dois terços das matérias se apresentam como descritivas ou factuais. A terça parte restante exhibe uma perspectiva analítica, com um maior número daquelas que possuem natureza controversa, explicitando duas ou mais interpretações possíveis. Quanto às orientações subjacentes, consubstanciadas nos sistemas de

comunicação propostos por Moscovici (1961/1976), verifica-se que aproximadamente dois terços das matérias foram classificadas como difusão (ou seja, apresentação de informações sem uma tomada explícita de posição) e, da terça parte restante, a maioria foi categorizada como propaganda (defesa de interpretações alternativas à história oficial, do tipo "história dos vencidos", e conseqüente valoração negativa do conteúdo das comemorações) e uma porção bem menor de matérias como propagação (identificadas através de uma valoração positiva do descobrimento como visto pela história oficial). Embora o tratamento meramente descritivo seja típico da difusão, esta se presta também a um tratamento analítico com controvérsias; da mesma forma, os tratamentos analíticos unidirecionados e com ênfase à controvérsia são característicos, respectivamente, da propagação e da propaganda, mas podem comportar às vezes uma extensa dimensão descritiva em apoio a um ou outro dos posicionamentos em jogo. Finalmente, observa-se, com a proximidade das comemorações, um nítido aumento do número de análises e juízos críticos a respeito do descobrimento do Brasil, o que pode ser classificado como do âmbito da propaganda.

Concluindo, esse conjunto de resultados obtidos constitui a base cumulativa para uma comparação com as matérias publicadas em 2000. A partir daí se espera poder identificar novos aspectos da influência dos meios e sistemas de comunicação social no processo de atualização da memória social através da formação e/ou transformação das representações do descobrimento.

O descobrimento do Brasil na representação da população brasileira adulta

Procedimentos

Os dados a que esta parte da pesquisa se refere foram coletados no período de maio a setembro de 1999 junto a uma amostra de brasileiros com idade

igual ou superior a 18 anos, com grau de escolaridade mínimo equivalente ao ensino fundamental completo e residentes em sete capitais das cinco regiões geográficas do país (Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis, Salvador, Cuiabá, Natal e Belém). A técnica de amostragem empregada foi a de cotas interrelacionadas obedecendo aos critérios de distribuição proporcional por sexo e faixa etária em cada uma das capitais focalizadas. O trabalho de coleta de dados consistiu na aplicação assistida a 742 sujeitos de um questionário constituído de perguntas fechadas e abertas e iniciado por uma tarefa de evocação livre (como proposta por Vergès, 1992).

Resultados

A estrutura da representação social

A inclusão da tarefa de evocação livre em relação a um termo indutor – no caso, "Descobrimiento do Brasil" – visou obter-se uma aproximação à organização interna da representação, em termos dos seus sistemas central e periférico (Abric, 1994, 1998; Sá, 1996), através da análise combinada da frequência e da ordem de evocação das respostas, segundo a estratégia metodológica sistematizada por Vergès (1999). No quadro que se segue, identificam-se como prováveis elementos centrais da representação os temas localizados no quadrante superior esquerdo, que foram ao mesmo tempo os mais frequentes e os mais prontamente evocados; enquanto isso, encontram-se no quadrante inferior direito elementos nitidamente periféricos, de baixa frequência e ordem tardia de evocação; e, finalmente, nos dois quadrantes ditos intermediários (de relações inversas entre frequência e ordem de evocação) misturam-se elementos que podem talvez constituir uma espécie de periferia próxima (ao núcleo central) com outros mais provavelmente distantes nessa subordinação estrutural.

< 2,9 >						
Índios	370	2,47	Exploração	139	3,02	
Caravelas	224	2,43	Pau-brasil	110	3,15	
Portugueses	173	2,83	Escravidão	96	3,25	
Mar	84	2,70	Riquezas	80	3,46	
Pedro-Alvares-Cabral	79	2,41				
Terras	70	2,34				
Descobrimto	66	2,04			>62	
Invasão	50	2,64	Natureza	54	3,37	<62
Massacre-de-índios	48	2,89	Colonização	53	2,92	
Mundo-novo	46	2,41	Primeira-missa	49	3,26	
Chegada	41	2,07	Jesuitas	47	3,55	
Liberdade	34	1,97	Carta-de-Caminha	45	3,46	
Navegadores	28	2,57	Florestas	43	3,53	
Terra-dos-índios	27	2,33	Aculturação	39	3,28	
Não-descobrimto	26	2,50	Lutas	29	3,17	
Independência	20	2,70	Comércio	28	3,75	
			Submissão	25	3,40	
			Povos	20	3,20	
			Porto-Seguro	20	3,35	
			Cultura	20	3,65	
			Surpresa	19	3,63	
			Desenvolvimento	18	3,22	
			Negros	18	3,16	
			Escambo	17	3,82	
			Miscigenação	17	3,70	

Quadro 1. Quadrantes de distribuição das evocações livres do Descobrimto do Brasil.

Observa-se aí que os mais prováveis elementos centrais formam algo como um núcleo figurativo (nos termos de Moscovici, 1984) do “descobrimto”: do “mar” vêm os “portugueses”, em suas “caravelas”, comandados por “Pedro Álvares Cabral”, para encontrar as “terras” brasileiras e seus habitantes originais, os “índios”. Estas são precisamente as imagens mais divulgadas do evento e é exatamente como a história descritiva do descobrimto tem sido contada a sucessivas gerações de alunos das escolas de nível fundamental no Brasil. Devido a tal socialização escolar, criou-se uma espécie de memória histórica hegemônica, que é talvez a parte mais antiga da memória socialmente compartilhada do descobrimto. Não obstante, representações complexas, como no presente caso, comportam uma quantidade e diversidade de outros elementos, nem sempre em estreita compatibilidade com o núcleo central, podendo

mesmo abrigar posições contraditórias. Nesse sentido, encontram-se nos quadrantes intermediários denúncias quanto a diferentes aspectos do descobrimto e da colonização, sendo flagrante no quadrante superior direito uma crítica mais antiga – “exploração” das “riquezas” do Brasil, aí incluídos tanto o “pau-brasil” quanto os índios e negros através da “escravidão” – e no inferior esquerdo, críticas e posicionamentos mais recentes, surgidos no contexto polêmico das comemorações dos descobrimtos da América e do Brasil, tais como a caracterização da “chegada” dos portugueses como uma “invasão” ou “não-descobrimto”, uma defesa das “terras-dos-índios” e um julgamento rigoroso dos “massacres-dos-índios”, seguidos, ainda, de proposições afirmativas quanto à “liberdade”, à “independência” e ao “novo mundo”. Finalmente, no último quadrante, reconhecidamente periférico, encontram-se elementos da história oficial,

indígena e africana na constituição do povo e da cultura brasileiras.

Quanto ao conhecimento do fato histórico do descobrimento, mais da metade dos entrevistados citou-o espontaneamente como um dos fatos marcantes na história do Brasil. Além disso, quando interrogados sobre qual deles consideravam o mais importante, concederam também destaque ao descobrimento, sobrepondo-o mesmo a outros fatos de relevância inquestionável na história de ex-colônias como, por exemplo, a independência do país.

Por outro lado, os dados obtidos demonstram que a defesa da tese do "achamento intencional" predominou nitidamente sobre a idéia segundo a qual o Brasil teria sido descoberto por acaso, retirando assim do núcleo figurativo/central (ver análise anterior) a ingenuidade que lhe parecia ser associada.

No que se refere à relevância da comemoração, embora enfatizando os aspectos mais desfavoráveis em sua avaliação da história brasileira ocorrida sob o domínio europeu, a maioria dos respondentes reconheceu méritos decorrentes do processo de colonização portuguesa, como, por exemplo, a integração das culturas européia, indígena e africana. Os mesmos respondentes, entretanto, parecem não aceitar a idéia de intencionalidade desse processo integrativo das culturas, na medida em que uma boa parte deles aponta como principal causa da diminuição da população indígena no país a "matança dos índios pelos colonizadores" ou as doenças por estes trazidas.

Pela forma como os sujeitos brasileiros descreveram e avaliaram as condições em que se deu a colonização portuguesa, não é de surpreender que mais da metade deles tenha preferido os rótulos de "invasão ou conquista" como alternativas ao termo "descobrimento" para designar a chegada dos portugueses ao Brasil. Mas, ainda assim, quase 2/3 dos respondentes acharam que o quinto centenário do evento deveria ser comemorado, justificando suas respostas através da atribuição dos seguintes objetivos preferenciais, nessa ordem: para preparar o futuro do país, para o Brasil se conhecer melhor, para corrigir os erros cometidos.

Um último resultado diz respeito à avaliação das influências relativas dos europeus, índios e africanos na definição de características, tanto favoráveis – por

exemplo, alegria do povo, grande extensão territorial, integração racial, qualidade da nossa música popular – quanto desfavoráveis – por exemplo, subdesenvolvimento econômico, devastação das florestas, corrupção nos governos, desigualdade social – comumente atribuídas ao Brasil de hoje. Através de um sistema de pontuação que creditava um ponto a cada grupo toda vez que este era responsabilizado por uma característica, constata-se que o grupo europeu foi considerado como o que menos exerceu influência sobre as características favoráveis e, inversamente, que as principais características desfavoráveis se devem à influência européia.

O descobrimento e a colonização do Brasil nos livros didáticos de história

Procedimentos

Com o objetivo de analisar a socialização escolar do conhecimento acerca do descobrimento do Brasil, foram examinados nove livros didáticos de história – sete destinados ao ensino fundamental (5^a a 8^a séries) e dois ao ensino médio –, dentre os mais utilizados nas instituições públicas e privadas do Rio de Janeiro. O processo envolveu a seleção e análise dos capítulos dedicados ao período anterior ao descobrimento, ao descobrimento e à colonização do Brasil, a partir de uma ficha estruturada de análise de conteúdo e de um instrumento de análise automática de textos (*software* Alceste 4.5). Pela ficha, classificou-se o conteúdo apresentado em categorias pré-estabelecidas, focalizando temáticas gerais, específicas, esferas privilegiadas, sujeitos históricos e valoração do evento pelo autor. Pelo Alceste 4.5, identificou-se a freqüência com que determinados temas emergiam no conteúdo analisado e as características associadas a esse temas.

Resultados

Com relação à análise de conteúdo empreendida através do recurso às fichas estruturadas, as três tabelas que se seguem mostram:

- em primeiro lugar, a distribuição percentual das principais esferas privilegiadas nos nove livros analisados, pela qual se constata um nítido predomínio da esfera política, seguida de perto pela esfera econômica;
- em segundo lugar, a distribuição percentual dos principais sujeitos históricos referenciados, que repete a relevância atribuída pela imprensa aos colonizadores e aos índios como protagonistas primordiais;
- em terceiro lugar, a distribuição percentual das valorações do conteúdo dos textos analisados, em que se verifica a predominância da neutralidade, mas, na comparação entre as outras duas, a ocorrência muito maior da valoração negativa em detrimento da valoração positiva.

Tabela 1. Esferas privilegiadas nos trechos analisados, por livro examinado, 1999.

Livro	Economia (%)	Política (%)	Arte/Cultura (%)
História do Brasil. Um olhar crítico	45,5	81,0	27,3
Nova história crítica do Brasil	50,1	67,4	32,8
História e civilização. Brasil colonial	63,6	75,0	18,2
Fazendo a história - Parte III	86,2	75,9	24,1
Brasil uma história em construção	36,1	50,0	50,0
História: Passado e Presente	51,4	73,0	2,7
História do Brasil 1 - Colônia	51,9	85,2	29,6
Brasil história em construção. Volume 1	47,1	73,5	23,5
Você é a história...	62,5	50,0	43,0

Obs.: A soma dos valores absolutos e relativos associados a cada livro ultrapassa 100%, porque um mesmo trecho pode privilegiar mais de uma esfera.

Tabela 2. Sujeitos históricos referenciados, por livro examinado, 1999.

Livro	Colonizadores (%)	Índios (%)	Europeus (%)
História do Brasil. Um olhar crítico	58,0	36,4	47,7
Nova história crítica do Brasil	60,5	39,5	37,2
História e civilização. Brasil colonial	61,4	43,2	63,6
Fazendo a história - Parte III	58,6	31,0	58,6
Brasil uma história em construção	38,9	75,0	25,0
História: Passado e Presente	75,7	48,6	54,1
História do Brasil 1 - Colônia	77,0	48,1	22,2
Brasil história em construção. Volume 1	82,4	38,2	23,5
Você é a história...	62,5	42,2	37,5

Obs.: A soma dos valores absolutos e relativos associados a cada livro ultrapassa 100%, porque um mesmo trecho pode privilegiar mais de uma esfera.

Tabela 3. Valoração do conteúdo dos trechos analisados, por livro examinado, 1999.

Livro	Negativa (%)	Neutra (%)	Positiva (%)
História do Brasil. Um olhar crítico	20,5	59,1	4,5
Nova história crítica do Brasil	32,6	48,7	4,7
História e civilização. Brasil colonial	27,3	68,2	4,5
Fazendo a história - Parte III	10,3	82,0	6,9
Brasil uma história em construção	68,9	8,3	2,0
História: Passado e Presente	21,6	70,3	-
História do Brasil 1 - Colônia	44,4	48,2	7,4
Brasil história em construção. Volume 1	44,1	35,3	-
Você é a história...	21,9	54,7	20,3

Com relação à análise de conteúdo empreendida através do recurso ao Alceste, os resultados são representados através de um dendograma dividido em cinco classes, que englobam a análise do conjunto dos livros e correspondem às seguintes temáticas: classe 1 - comércio pré-descobrimento; classe 2 - escravidão; classe 3 - administração da colônia; classe 4 - descobrimento; classe 5 - questão indígena. Essas classes, cujos conteúdos específicos são mostrados no quadro que se segue, encontram-se distribuídas entre dois grandes grupos, que se distinguem a partir dos sujeitos e fatos históricos que privilegiam. O primeiro grupo é formado pelas classes 1, 3 e 4, caracterizando-se pelo privilégio dado aos descobridores e europeus como sujeitos históricos e ao ciclo de colonização como destaque de fatos históricos. O segundo grupo, formado pelas classes 2 e 5, decorre da ênfase dada aos sujeitos históricos oprimidos do período colonial - índios e negros - e tem suas características de opressão em destaque como fatos históricos.

Buscando-se articular os resultados obtidos através dos dois procedimentos, verifica-se que:

- a. a presença da política e da economia em destaque, seguidas da esfera arte/cultura, demonstra a preponderância de uma orientação político-econômica subjacente ao conteúdo dos livros, o que já se mostrou evidenciado pela análise da ficha e é confirmado pelo tratamento do Alceste, em que a classe 3, relacionada à administração colonial, destaca os lexemas: capitania+, colônia+, govern+, que são característicos de um discurso político;

Descobrimto do Brasil

Classe 1 15.27 % das UCE's comércio pré-descobrimto		Classe 4 11.99 % das UCE's descobrimto		Classe 3 20.81 % das UCE's administração da colônia		Classe 2 16.10 % das UCE's escravidão		Classe 5 35.83 % das UCE's questão indígena	
Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²	Palavra	x ²
Formação	376.87	Cristovão	227.32	Capitania+	335.14	Escravos	444.01	Ind+	144.59
Comerci+	237.76	Colombo		Coloni+	163.50	Senhor+	262.81	Histor+	84.42
Europ+	223.25	Espanha	127.91	Govern+	112.50	Negros	223.70	Fal+	62.14
Burgues+	147.61	Ilha	122.54	Brasil+	102.50	Engenho	212.44	Brancos	60.95
Mercantil+	147.48	Cheg+	115.47	Coloniz+	97.45	Trabalh+	146.84	Trib+	56.23
Expansão	137.04	Atlant+	90.75	Fund+	97.22	Quilombo	118.24	Povo+	54.21
Mercador+	128.83	Continent+	86.60	Pernambuco	98.98	Fazend+	89.77	Cac+	58.64
Maritim+	116.11	Expedic+	80.62	Bah+	93.95	Palmar+	78.63	Diferente	51.49
Europaie+	104.46	Contorn+	79.81	Metropole+	90.45	Fug+	78.43	Viv+	56.44
Ouro	97.73	Ating+	72.99	Administ+	82.99	Proprieta	65.79	Civilizad	59.91
Monarquia+	92.51	Esquadra+	69.80	Francesas	87.30	Senzala+	62.83	Natur+	42.93
Mediterrâneo	92.22	Descobert+	67.75	Capitanias	66.22	Trabalhador	60.94	Habit+	40.01
Holanda	84.06	Cast+	65.36	heredita		Casa grande	57.57	Branc+	47.34
Especiarias	81.02	Ceuta	65.36	Açúcar	56.90	Moenda+	57.57	Aldeia+	34.17
Met+	70.32	Bartolomeu	66.34	Governo geral	53.83	Afric+	54.41	Diferenc+	31.67
Inglatera	69.65	Dias		Donatar+	25.97	Canavi+	41.35	Flech+	30.66
Compr+	65.96	Genoves+	52.25					Anim+	35.47
Lucros	54.39	Alcanc+	57.83	Variáveis				Costum+	38.91
		Comand+	54.84	*Grau escolar 1º	2,62	*Grau escolar 2º	4,72	Tribos	11.18
Variáveis				*Texto 06	42,81	*Texto 02	9,16		
*Texto 02	30,81	Variáveis		*Texto 07	23,63	*Texto 03	54,62		
*Texto 05	6,37	*Grau escolar 1º	3,85	*Texto 09	15,80	*Texto 06	18,16		
*Texto 09	2,61	*Texto 03	3,78	*Texto 08	6,99	*Texto 08	6,99		
		*Texto 05	99,98						
		*Texto 08	6,99						

Figura 2. Dendograma de distribuição de classes lexicais nos livros didáticos de História do Brasil.

b. tanto a ficha, através da segunda tabela, quanto o Alceste, através da classe 5, destacam os colonizadores e os índios como sujeitos históricos privilegiados, enfatizando-se ainda as diferenças dos últimos em relação ao caráter civilizatório português;

c. entretanto, a importância dada aos negros como sujeitos históricos relevantes, detectada pela análise do Alceste não se repete na análise das fichas;

d. quanto ao caráter valorativo dos textos, analisado através das fichas de registro, não foi possível observá-la nos resultados do Alceste.

CONCLUSÃO

Embora os resultados obtidos até agora devam ser considerados como parciais e deles tenha sido apresentado apenas um conjunto selecionado, é possível já alinhavar algumas considerações conclusivas, sob a condição de que se as tome como provisórias. Os presentes resultados, na medida em que digam alguma coisa sobre o estado da memória social do descobrimento do Brasil em 1999, constituem a base comparativa para a apreciação da configuração que essa memória terá assumido no ano 2000, após a passagem dos eventos comemorativos do quinto centenário. Trata-se, a rigor, de dois momentos de um só processo, a saber, o de atualização da memória social daquele acontecimento remoto, sob a influência de fatores de ordem sociocultural desencadeados pela comemoração. Isto quer dizer que o quadro ora esboçado deve ser visto como um conjunto de condições e tendências numa situação de gradativo envolvimento dos brasileiros com os temas do descobrimento e de expectativa crescente em relação ao auge da programação comemorativa.

Cabe inicialmente registrar que, desde dois anos antes da comemoração, a mídia, representada aqui pelos jornais examinados, tem colocado o descobrimento sob um foco razoavelmente privilegiado, criando assim uma importante condição para a atualização da memória social. A predominância de determinados conteúdos substantivos – o fato histórico em si, sua comemoração e temáticas contemporâneas relacionadas – e das esferas – histórica, cultural e educacional – em que eles foram explorados responde pela natureza da atualização alcançada em fins de 1999. De fato, com essas características principais, as informações jornalísticas parecem ter contribuído para a permanência das imagens que constituíram o núcleo central da representação do descobrimento detectada na população.

Segundo Jedlowski (1997), a memória social pode ser vista como o conjunto de representações sociais do passado, depreendendo-se daí que a atualização da memória passaria pelos processos de formação, permanência e/ou transformação das

representações. No caso da memória atualizada de 1999, verifica-se que a representação complexa do descobrimento engloba em seu sistema periférico, próximo ou distante (do núcleo central), maneiras complementares ou alternativas de se considerar esse evento passado, dentre as quais se incluem numerosas críticas e denúncias. O estado atual detectado pode significar que talvez esteja em curso uma transformação, para a qual estaria contribuindo o aumento que se observou das matérias com controversias e juízos críticos veiculadas pela mídia.

De qualquer forma, não se trataria de elementos de conhecimento ou memória inteiramente novos, apresentados em primeira mão pela mídia, visto que os fatos do descobrimento e o processo de colonização têm sido já sistematicamente desenvolvidos através dos manuais escolares no âmbito das esferas política e econômica, em que via de regra as críticas e denúncias se abrigam. É possível que se esteja, assim, frente a uma transformação progressiva da representação social – e a uma correspondente atualização gradativa da memória social – que se nutre tanto da mídia quanto da socialização escolar do conhecimento. A coexistência atual de um núcleo imagético conservador, nitidamente acritico, e uma periferia valorativa, freqüentemente crítica, é sintomática de um estágio transformador.

Algo que parece suficientemente confirmado, pelo menos até este estágio, como constituintes essenciais da memória social do descobrimento são os sujeitos históricos portugueses (navegadores e colonizadores) e índios. De fato, eles não só estão presentes no sistema central da representação manifestada pela população como também emergem privilegiados das análises da imprensa e dos livros didáticos; neste último caso, pelos dois procedimentos utilizados. Muda apenas – embora, por si só, isto não seja trivial – o caráter da relação entre eles: de supostamente amistosa e generosa, no nível idealizado do núcleo central da representação, a realisticamente conflitiva e exploratória, no nível periférico, mais sensível à refutação proporcionada por dimensões minoritárias porém significativas ou crescentes da mídia e do ensino formal. É, em ambos os níveis, a memória do Brasil que está em jogo, não sua

atualidade, não o povo brasileiro como o conhecemos hoje, mas os primeiros protagonistas por excelência da sua origem remota.

Para finalizar, acredita-se que a presente pesquisa parcial tenha contribuído para demonstrar a relevância da perspectiva conceitual das representações sociais para os estudos de memória social. De fato, para se dar conta do que um dado passado significa efetivamente para uma população contemporânea não parece suficiente, conquanto sejam absolutamente necessárias, a investigação extensa dos conteúdos dos registros materiais – passados ou contemporâneos – publicamente acessíveis e a identificação de outros “lugares de memória”. É preciso também ter acesso aos “universos consensuais” de pensamento cotidiano das pessoas, escassamente codificados, sobre os quais aqueles condicionantes socioculturais repercutem, ou deixam de repercutir. E os instrumentos, tanto teóricos quanto metodológicos, para tal acesso estão sendo continuamente desenvolvidos, revistos e refinados no multifacetado campo de estudo das representações sociais (Sá, 1998).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J.-C. (1994). Les représentations sociales: aspects théoriques. Em J.-C. Abric (org.), *Pratiques sociales et représentations* (pp.11-35). Paris: Presses Universitaires de France.
- Abric, J.-C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira e D.C. Oliveira (orgs.), *Estudos interdisciplinares de representação social*. (pp. 27-38). Goiânia: AB Editora.
- Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: A study in experimental and social psychology*. Cambridge: Cambridge University Press (Trabalho original publicado em 1932).
- Bueno, E. (1998a). *A viagem do descobrimento*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Bueno, E. (1998b). *Náufragos, traficantes e degradados*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva.
- Fentress, J. e Wickham, C. (1994). *Memória social*. Lisboa: Teorema.
- Ferro, M. (1990). *Cómo se cuenta la historia a los niños del mundo entero*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Halbwachs, M. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel (Trabalho original publicado em 1925).
- Halbwachs, M. (1997). *La mémoire collective*. Paris: Albin Michel (Trabalho original publicado em 1950).
- Jedlowski, P. (1997). Collective memories. Em European Association of Experimental Social Psychology (org.), *Proceedings. Small-Group Meeting on Collective Memory: Theoretical, Methodological and Practical Issues* (pp.23-30). Bari, Itália: EAESP.
- Jedlowski, P. (2000). La sociología y la memoria colectiva. Em A. Rosa, G. Bellelli e D. Bakhurst (orgs.), *Memoria colectiva e identidad nacional* (pp.123-134). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse: Le côté moral et affectif de l'histoire. *Bulletin de Psychologie*, 45 (405), 239-256.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: Presses Universitaires de France (Trabalho original publicado em 1961).
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. Em R. M. Farr e S. Moscovici (orgs.), *Social representations* (pp.3-69). Cambridge: Cambridge University Press.
- Nora, P. (1992). L'ère de la commémoration. Em P. Nora (org.), *Les Lieux de la mémoire - les france* (pp.975-1012). Paris: Gallimard.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, 10, 7-28.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ.
- Sá, C. P. (2000). Representações sociais e memória coletiva de um acontecimento remoto. Em M. T. T. B. Lemos; N. A. Moraes e P. A. Leira. (orgs.), *Memória e identidade* (pp.27-41). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Sá, C. P. e Vala, J. (1997). Five hundredth anniversary of the discovery of Brazil: Brazilian and Portuguese social memory. Em European Association of Experimental Social Psychology (org.), *Proceedings. Small-Group Meeting on Collective Memory*:

- Theoretical, Methodological and Practical Issues. Proceedings* (p.139-145). Bari, Itália: EAESP.
- Sá, C. P. e Vala, J. (2000) Representações sociais del pasado: los "descubrimientos" de América y de Brasil. Em A. Rosa, G. Bellelli e D. Bakhurst (orgs.), *Memoria colectiva e identidad nacional* (pp.429-450). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Sá, C. P.; Vala, J. e Möller, R. C. (1996). Memória social, representações e atribuição causal: um estudo comparativo sobre o quinto centenário de 1492. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 48, 3-19.
- Vergès, P. (1992). L'évocation de l'argent: une méthode pour la définition du noyau central d'une représentation. *Bulletin de Psychologie*, 45 (405), 203-9.
- Vergès, P. (1997). *Analyse de similitude de questionnaires et de données numériques*. Version 1.2. Aix-em-Provence (Mimeo).
- Vergès, P. (1999) *Ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations*. Version 2. Aix-em-Provence (Mimeo).

Recebido em: 25/06/01

Aceito em: 30/04/02